
Tempo de semear – as ações e investigações do G-pem – Grupo de Pesquisa em educação musical do IA/Unesp

Marisa Trench de Oliveira Fonterrada¹

Não tem sido frequente em minha produção escrever textos de caráter autobiográfico. No entanto, entendi que, num Encontro como o SIMPOM, de pesquisa na pós-graduação, fosse procedente narrar o trabalho que tenho desenvolvido ao longo de 36 anos no Instituto de Artes da Unesp, junto a alunos de graduação e pós-graduação, com a colaboração de docentes do IA e convidados. Embora aposentada desde o ano de 2004, trabalho ativamente no Programa de Pós-graduação em Música e conduzo um Grupo de Pesquisa. Para que os leitores acompanhem esse percurso e conheçam as ações que o grupo vem desenvolvendo ao longo dos anos, vou me remontar ao percurso anterior ao ingresso na universidade.

Tornei-me docente do Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo, em 1986, depois de uma longa estrada como educadora musical. Começara a lecionar ainda adolescente, na Escola de Música de Piracicaba que, àquela época, era uma sucursal dos Seminários de Música Pró-Arte, a importante escola de Música fundada pelo Professor Koellreutter, com sede no Rio de Janeiro e em São Paulo. Lecionei em algumas escolas primárias e secundárias – era esse o nome do que hoje é chamado de educação básica –, mas a minha principal atuação havia sido, principalmente, em escolas de música.

Na Escola Municipal de Música, da Prefeitura de São Paulo, cujo objetivo era formar instrumentistas de orquestra, fiquei longo tempo, desde 1975 e, inclusive, assumi sua direção dois anos depois, cargo que ocupei durante nove anos. Quando surgiu um concurso para admissão de professor no Instituto de Artes da Unesp, senti uma vontade enorme de explorar outros caminhos e, assim, lá fui eu. Acreditava que tinha poucas chances de ser aprovada, porque, à época, só tinha graduação, mas a sorte me favoreceu e passei no concurso.

Ao entrar para a universidade, minha primeira proposta de pesquisa chamou-se “Educação Musical pela voz”. Como estávamos vivendo profundamente a condição de ver a música alijada do processo educacional pela Lei 5692/71 e, com frequência, ouvindo de

¹IA/Unesp.

autoridades governamentais que era impossível manter o ensino de música em escolas públicas, por ser muito dispendioso – acreditavam que era condição indispensável a compra de instrumentos caros –, entendi que seria importante desenvolver uma pesquisa que mostrasse ser possível fazer música com poucos gastos, isto é, principalmente com a voz e o corpo. Assim nasceu o Projeto, que se propunha a criar um coro infantil com filhos de funcionários e de alunos do IA, além de atender à comunidade do entorno. O IA, àquela época, estava localizado no Ipiranga, em São Paulo, um bairro caracteristicamente residencial, o que o fazia um potencial fornecedor de crianças para o coro. A aprovação do Projeto ocorreu no final de 1988, assim, em março do ano seguinte, iniciamos o trabalho.

A condição para professores não titulados era ingressar o mais rapidamente possível na pós-graduação e, assim, fui cumprir esse requisito, fazendo Mestrado e Doutorado na PUC de São Paulo. Então, posso dizer que, em 1987, duas coisas importantes ocorreram: entrei no curso de Mestrado no Programa de Psicologia da Educação da PUCSP e me inscrevi em um Programa da Embaixada do Canadá – *The Full Enrichment Program* – dirigido a professores universitários em tempo integral que quisessem passar algum tempo naquele país e utilizar conteúdos canadenses em suas disciplinas. Assim, ganhei a bolsa e passei cinco semanas no Canadá.

Na PUC, entrei em contato com autores da psicologia da educação e da fenomenologia da linguagem. Embora tivesse uma boa experiência com educação musical, caracterizada pela ênfase no trabalho prático, vivencial, essa foi a primeira vez que me defrontei com estudos teóricos fora do âmbito da música e posso dizer que foi uma experiência maravilhosa, pois, por meio deles, consegui ver sentido em muitas coisas que já praticava e em que acreditava.

Quanto à possibilidade de estagiar no Canadá, a proposta me atraía pela excelência dos coros infantis e juvenis canadenses – muito calcados na tradição coral inglesa – e pela possibilidade de contato com Murray Schafer, que eu só conhecia por alguns de seus livretos em Educação Musical, que Violeta Gainza havia traduzido na Argentina e que haviam chegado às minhas mãos havia alguns anos.

Estou contando isso para mostrar que, mesmo antes de o G-pem ser criado, estavam lançadas as bases do trabalho em Educação Musical, que defendia a importância

do uso da voz e era focalizado na ecologia acústica e em práticas criativas, além de contemplar crianças, alunos da universidade, estagiários, professores e regentes. Assim, trabalhei alguns anos desenvolvendo essas bases em meu trabalho de educação musical.

Em 1989, portanto, iniciei a proposta de educação musical pela voz com crianças do bairro do Ipiranga e formei um coro infantil que, mais tarde, foi denominado Grupo CantorIA. Desde então, o projeto foi conduzido com o suporte reflexivo e prático obtido, tanto na PUC, quanto na viagem ao Canadá: pelo Programa de Psicologia da Educação, tive acesso a aportes teóricos e práticos e pude analisar minhas próprias ações no coro. De Murray Schafer, trouxe a ênfase na escuta, na ecologia acústica e no ensino criativo. Dos coros infantis canadenses, além de algumas técnicas e repertório adequado à idade com que trabalharia no Brasil, trouxe a convicção de que crianças e jovens podem cantar bem, artisticamente e com qualidade.

O CantorIA atuou desde 1989 até 2013 e, nesse período de 25 anos, fez um trabalho intenso, com muitas apresentações na capital, duas viagens internacionais e várias pelo interior de São Paulo, além de ter colaborado para a formação de regentes de coros infantis e/ou juvenis. Além dos bolsistas de extensão que eu recebia anualmente, havia, também, voluntários externos ao IA, que procuravam o Projeto para se aperfeiçoarem na prática coral com crianças e jovens.

1. O Grupo de Pesquisa

Em 1996, defendi o Doutorado na PUCSP na área de Antropologia do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e, no ano seguinte, fui convidada a fazer parte do grupo de docentes do Programa de Pós-graduação em Artes. Nessa mesma ocasião, a Pró-Reitoria de Pesquisa da minha universidade começou a incentivar a criação de grupos de pesquisa. Assim, de repente, ainda mesmo sem saber o que isso significaria, foi fundado o G-pem, ativo até hoje, que reúne alunos de mestrado e doutorado, ex-alunos que continuam conosco, além de, eventualmente, receber estudantes de graduação que se aproximavam e também pessoas externas ao IA, interessadas em fazer parte do trabalho.

No início, a inquietação que nos movia era a quase total ausência do ensino de música nas escolas paulistas. Então, desenvolvemos várias pesquisas, estudando maneiras

de introduzir projetos que lidassem com essa situação. Queríamos mostrar que o argumento segundo o qual colocar a música como disciplina na educação básica era um empreendimento caro, impossível de ser bancado pela escola, era inválido, pois toda criança já traz em si seus próprios instrumentos – a voz e o corpo.

Partimos de um posicionamento inicial, que se engatava em outros: a Música é uma arte, uma forma de conhecimento e um direito de todos; não é apenas diversão ou entretenimento. O acesso ao mundo da arte se dá pela experiência prática. Não se chega a ela apenas pela reflexão, pois o caminho se constrói a partir da experiência. A afirmação inicial, de que a música é um direito, provém da convicção de que ela é uma linguagem e, sendo assim, está potencialmente presente no ser humano, do mesmo modo que falar e andar sobre dois pés. As ações que tomamos como educadores musicais refletem essas convicções e podem contribuir para ampliar o alcance das práticas musicais em todos os lugares, em todos os espaços.

No G-pem, tínhamos consciência de que grande parte da população brasileira raramente tem oportunidade de entrar em contato com a música/arte nos estabelecimentos formais de educação. Existe a arte popular, a arte de rua e inúmeros projetos sociais que aproximam crianças e jovens da arte, mas a preocupação do grupo era levar a música para dentro da escola, onde, muitas vezes, ela não tem espaço, de modo a ajudar a formar jovens que soubessem compreender, apreciar e fazer música. Essa, pois, era a tônica do trabalho do G-pem: buscar modelos que fossem significativos para os grupos com os quais trabalhássemos e que permitissem que forjássemos ações pensadas para modificar esse estado de coisas e ampliar o acesso à música e à arte, pela população escolar.

Isso implicava em acolher a experiência musical das pessoas com quem tínhamos contato e alimentá-las com novas experiências, pois acreditávamos que só se poderia reverter a situação detectada se houvesse consciência a respeito da música, de seus valores, de seu repertório e de acesso ao conhecimento técnico/instrumental. E, também, que eles pudessem fazer uso criativo da linguagem e da música. Todas essas intenções seriam ancoradas na aproximação com a cultura local, expressa nas comunidades e nos

saberes populares, mas, também, em manifestações da arte antiga e contemporânea de todo o mundo, sem fronteiras.

Nesse contexto, pode-se afirmar que o Grupo CantorIA – o coral infanto-juvenil que mencionei –, além do grupo de bolsistas de extensão, foi campo de pesquisa, pois ali os alunos tinham muita oportunidade de aprender com o auxílio dos campos da educação musical, da pedagogia, da psicologia e das ciências sociais, pois estávamos lidando com crianças e jovens de uma determinada comunidade, e sabíamos que eles tinham seus próprios processos de desenvolvimento, sua musicalidade, sua cultura, além de seus próprios gostos, suas habilidades e seus problemas.

A minha própria pesquisa de mestrado estava vinculada ao coro e deu origem a um musical – *Pirraça que passa, passa*, sobre texto homônimo de um livro infantil de Sylvia Orthoff, porque acreditava na importância das histórias e no incentivo à imaginação das crianças e jovens, o que já era meio caminho andado para o trabalho.

2. Pesquisas práticas e teóricas

A floresta encantada

O ano de 1998 – um ano após a criação do G-pem – foi dedicado a um workshop interdisciplinar no IA/Unesp, que se propôs a realizar com os estudantes das áreas de Artes Visuais, Música e Teatro a montagem de *A floresta encantada*, de Murray Schafer, obra no. 8 da Série Patria, um conjunto de composições de um gênero que ele denomina Teatro de Confluência, por juntar diferentes linguagens artísticas e explorar os mais inusitados ambientes para a realização dessas obras. *A floresta encantada*, originalmente montada no interior de uma floresta canadense, na versão experimental brasileira, ocorreu no parque situado atrás do Museu Paulista, composto por resquícios de Mata Atlântica. A obra foi traduzida por mim e de sua montagem participaram artistas canadenses convidados: Murray Schafer, músico e compositor da obra; Jerrard Smith – cenógrafo; Barry Karp – diretor de teatro e Rae Crossman – poeta e professor de literatura inglesa. Além disso, contamos com a colaboração de professores do IA, entre os quais destaco: Reynúncio

Napoleão de Lima, Martha Herr e Samuel Kerr e Percival Tirapelli, além de alunos dos três cursos de Graduação do IA/Unesp.

A montagem contou com cantores solistas, coro feminino, coro infantil, instrumentos de sopro, grupo de percussão, violões, bailarinos e atores. A cenografia e o figurino foram confeccionados por alunos de teatro e artes visuais. Foi uma experiência memorável.

3. Repertório de música contemporânea para coral infanto-juvenil

Outra pesquisa vinculada ao coro foi a de Leila Vertamatti, que, durante seu mestrado, trabalhou repertório vocal do século XX, por meio do conceito de “chaves de escuta”, de Gui Reibel. Foi um processo longo e difícil, pois as crianças e jovens ainda tinham poucas experiências de canto coral em linguagem contemporânea. Eles tinham participado de dois concertos com o Coral Paulistano, de São Paulo, a convite de Samuel Kerr. Em um deles, cantaram a parte de coro infantil de *The Chichester Psalm*, de Leonard Bernstein, para coro adulto, coro infantil e orquestra. No outro concerto, participaram da montagem do *Te Deum Puerorum Brasiliae*, de Edino Krieger, nas mesmas condições. Sem dúvida, essas experiências foram importantes para aproximar o grupo da linguagem musical do século XX, mas ainda estava restrita a duas obras. Com Leila, os cantores tiveram oportunidade de fazer um programa inteiro com música do século XX, o que foi uma experiência muito importante para todos nós.

4. Projeto Fapesp: a sensibilidade a serviço da qualidade de vida

Mais uma pesquisa precisa ser aqui assinalada, desenvolvida numa escola estadual de São Paulo – o Seminário Nossa Senhora da Glória – com o apoio da FAPESP, no período de 2000 a 2003. Essa proposta de investigação envolveu alunos da escola pública, o Grupo CantorIA e professores do Instituto de Artes. Havia, também, um grupo de bolsistas, entre os quais se incluíam dez professores da escola estadual, que obtiveram bolsas especialmente criadas pela Fapesp, para atender a um Programa da instituição, denominado *Melhoria do Ensino Público*, no qual o projeto se encaixava. Além dos professores, vários alunos de graduação em Música obtiveram bolsas de Iniciação

Científica; ex-alunos envolvidos com a proposta receberam Bolsa de Capacitação Técnica, uma modalidade oferecida pela Fapesp a ex-alunos recém-formados. A característica desse tipo de bolsa é que não há submissão. A própria Fapesp oferece a bolsa quando, em um Projeto subsidiado por ela, julga oportuno conceder. Além dessas bolsas mencionadas, contamos, também, com bolsas de mestrado.

O projeto compreendia atividades realizadas no horário escolar e atividades no contraturno – nesse caso, eram oferecidas aulas de instrumento e canto coral. Nas atividades desenvolvidas no horário escolar, procurava-se trabalhar em conjunto com professores de várias disciplinas, buscando elos entre campos do saber: Música e Matemática, Música e Geografia, e assim por diante. Trabalhava-se, também, com questões relacionadas à poluição sonora ambiental, ligada à ecologia acústica. Neste setor, fazia-se o estudo do meio – bairro, percurso dos alunos da casa para a escola e vice-versa, análise do ambiente escolar a partir dos sons produzidos. Por esse estudo, foram sugeridas várias modificações na rotina da escola e as que foram acatadas produziram uma considerável diminuição da poluição sonora da instituição.

Como exemplo, cita-se que a escola fazia recreio escalonado, de tal modo que, durante todo o período, havia crianças brincando, correndo e gritando no pátio, enquanto outras permaneciam em aula. As queixas de dor de cabeça e irritabilidade por parte dos alunos eram frequentes. Solucionou-se essa questão com a adoção de um recreio comum a todos, em cada período. Como o pátio era grande, foi fácil acomodar todos os estudantes num único horário e, como resultado, foi possível ter aulas mais silenciosas, o que, segundo depoimento deles próprios, reduziu tensões e ampliou o nível de concentração.

5. Ainda o Projeto Fapesp – Edu e a orquestra mágica

Ao final do Projeto, resolveu-se criar um musical que pudesse mostrar como o trabalho fora realizado. Foi, então, montado o musical *Edu e a orquestra mágica*, de minha autoria com a colaboração de alunos e ex-alunos. Essa obra baseia-se em uma história de Schafer, publicada em *O ouvido pensante*. Ela envolveu alunos da escola estadual, o Grupo CantorIA, bolsistas e docentes do IA. Foi apresentado em 2003, no SESC Pompeia, numa temporada de seis dias, de terça a domingo, que envolveu, também, crianças do Projeto

Curumim, tocado pelo SESC, que atendia crianças do bairro no contraturno escolar. Eram trezentas crianças, mas conseguimos fazer todas participarem, distribuindo-as em seis grupos de cinquenta, em que cada uma delas esteve num dos dias de espetáculo, no palco, junto aos demais protagonistas. Como elas não tinham passado pelo longo processo permitido pelo Projeto Fapesp – que estava completando seu quarto ano de atividade –, aprenderam algumas das canções e jogos do musical, fáceis de assimilar em alguns ensaios. A preparação das crianças ficou a cargo da equipe de bolsistas.

No ano de 2004, por ocasião do Congresso Internacional do FLADEM, que teve como sede o SESC Vila Mariana em São Paulo, foi repetida a apresentação de Edu, agora com a colaboração do coro infantil do SESC, regido por Gisele Cruz.

6. A História do Lobo Grandão e da Linda Princesa

Há alguns anos, participei de um curso de formação de professores de música – Antropomúsica – ligados à Pedagogia Waldorf. Segundo seu modo de entender a educação, músicas tonais só devem ser apresentadas às crianças após os sete anos de idade. O argumento é que, antes dessa idade, a criança ainda vive num mundo de imaginação e fantasia e a exposição precoce ao sistema tonal – direcional e aterrado – poderia precipitar a mudança delas para a fase seguinte, com acentuada tendência de abandonar precocemente o pensamento mágico. Para essa idade, então, nas escolas Waldorf, usa-se cantar canções em escala pentatônica, circular e não direcional. Ao saber dessa condição, inspirei-me para criar *A história do Lobo Grandão e da Linda Princesa*, cujo tema apoia-se na obra *The Princess of the Stars*, Prólogo da série Patria, de Murray Schafer. Àquela época, apresentamos a peça no encerramento do curso, na Escola Atiara, em Botucatu, São Paulo, com cantores, instrumentistas e atores.

Em 2015, após a conclusão de uma pesquisa acerca de práticas criativas, sobre a qual escreverei adiante, o grupo estava exausto e com vontade de se dedicar, ele próprio, às práticas criativas. Discutia-se, ainda, o que poderia ser feito, quando alguém sugeriu que trabalhássemos a *História do Lobo Grandão*. Como muitos dos membros do GPEM são instrumentistas e tínhamos facilidade de contato com estudantes de graduação e pós-graduação, a ideia pareceu factível.

Assim, durante um semestre, o GEPEM se debruçou sobre a tarefa de criar um arranjo orquestral para a história, que tinha, até então, apenas texto, canto e narração. Não foi fácil criar partes instrumentais a partir de cantos pentatônicos previamente escritos, com tessitura pequena, o que era, sem dúvida, um elemento limitador. Um pouco dessa questão já havia sido enfrentada na busca de diversidade na própria escrita da peça, quando me preocupei em enfatizar contrastes de ritmo, andamento e clima emocional, bem como a exploração de diferenças nas estruturas melódicas, como maneiras de se criar o inesperado a partir de um campo previsível. Outros recursos foram também utilizados: vozes corais, vozes solistas, atores, figurinos e cenários que, embora extremamente simples e pontuais, contribuíam para ajudar a manter o interesse pela peça.

Quando a experiência já estava quase concluída, surgiu o convite para apresentá-la no Encerramento do Congresso de Interdisciplinaridade realizado no IA/UNESP, sob a coordenação da Profa. Sonia Albano de Lima, o que foi entusiasticamente recebido por nós. E assim foi feito. Apresentamos a peça com alunos de música e teatro, solistas, coros adulto e infantil.

7. Experiências de escuta e criação no Delta do Parnaíba

Em 2016, tivemos mais uma experiência original de investigação, realizada durante o Encontro Nacional do FLADEM, em Parnaíba, Piauí. Essa cidade é muito peculiar, pois lá se localiza o Delta do Rio Parnaíba, um dos grandes Deltas do mundo. O projeto foi idealizado pela professora Paula Molinari, docente da UFMA e membro do G-pem, encantada com as possibilidades de documentação das sonoridades do rio. A experiência, que se deu no primeiro dia do Encontro e foi conduzida por mim, durou o dia todo, a bordo de um catamarã, em que os participantes passaram todo o tempo em atividades de escuta dos sons do rio, do entorno, do encontro das águas no Delta e do interior do próprio catamarã. Conforme a proposta, ao final, eles analisaram os sons recolhidos, uniram-se em grupos, selecionaram alguns que, consensualmente, julgaram mais interessantes entre os que haviam sido anotados por eles e, finalmente, desenvolveram pequenas peças criadas com esses sons, que imitavam ou simbolizavam as sonoridades escolhidas, após o processo de escuta desenvolvido naquele dia.

Além do lugar ocupado nesse Encontro, em 2016, a experiência foi relatada em Puebla, no México em 2017 durante um Encontro Internacional do Fórum Latino-americano de Educação Musical – FLADEM e, também, apresentada no Terceiro Congresso Internacional Dalcroze, realizado na Universidade de Laval, em Quebec City, Canadá, no mesmo ano. Depois, em 2019, a convite do FLADEM Argentina, foi repetida em Rosário, durante um evento de Educação Musical, denominado *El río suena*. Os participantes fizeram uma excursão semelhante à realizada em Parnaíba, porém, dessa vez, no rio Paraná, que banha a cidade de Rosário. Após a ida de barco em que os participantes colecionaram sons, o barco aportou em uma ilha, onde havia bastante espaço para mais pesquisas sonoras do ambiente. Com esse material, divididos em grupos, os presentes fizeram suas composições e improvisações. Essa nova excursão foi conduzida por mim, com a ajuda preciosa de Adriana Rodrigues, atual presidente do FLADEM.

Um dos resultados da experiência de escuta do Delta foi o desenvolvimento da pesquisa de pós-doutoramento de Paula Molinari, concluído em 2019, no Instituto de Artes da Unesp sob minha supervisão. Sua pesquisa ampliou e aprofundou o que fora trabalhado naquele evento, dentro da metodologia de Pesquisa Artística e trouxe resultados muito interessantes, que reuniram o conhecimento das culturas locais – pescadores, marisqueiras e população indígena, além de alunos da Universidade Federal do Maranhão e da Orquestra do Sesc de Parnaíba.

8. Orientações e supervisões

Como já informei, ingressei no Programa de Pós-graduação em Artes que, mais tarde, foi separado em dois Programas – de Artes Visuais e de Música. A partir de então, fiquei ligada ao Programa de Música. Mas é preciso assinalar que, muito antes de haver ingressado na pós-graduação como docente, já orientava alunos de Bacharelado e Licenciatura, em Projetos de Extensão e de Iniciação Científica. Não vou falar aqui dos Projetos de Extensão mais do que já falei ao descrever as atividades do grupo CantorIA, por entender que muitos deles fogem do escopo deste artigo, que é decorrente de uma palestra por mim realizada no SIMPOM, evento dedicado à difusão de pesquisa de alunos

de pós-graduação na Unirio. Por esse motivo, vou citar apenas as orientações no âmbito da pesquisa.

Desde o início das atividades do G-pem, foram concluídos, até o momento, 89 projetos de pesquisa sob minha orientação, conforme discriminado a seguir:

Pesquisas concluídas:

- . Iniciação Científica – 33;
- . Capacitação Técnica – 6;
- . Mestrado – 41;
- . Doutorado – 8; e
- . Pós-doutorado: concluído – 1.

Além dessas investigações concluídas, há outras ainda em desenvolvimento.

Pesquisas em andamento:

- . Mestrado – 3;
- . Doutorado – 4; e
- . Pós-doutorado – 1.

Todos esses projetos ligam-se de alguma maneira à Educação Musical: metodologias de escuta e criação, aplicação de propostas em escolas especializadas e na educação básica e em projetos que resultam em desenvolvimento de práticas artísticas no âmbito da educação, ou projetos de ecologia acústica.

E não pode deixar de ser citada a parceria desenvolvida entre o G-pem e o Grupo de Pesquisa “Sonoridades Múltiplas”, liderado pela Profa. Dra. Consiglia Latorre, da Universidade Federal do Ceará, que nasceu inspirado nas ideias do Grupo de Pesquisa do IA/Unesp e desenvolve investigações de escuta e criação de caráter interdisciplinar, uma vez que esse grupo cearense congrega alunos de música, teatro, dança, cinema e audiovisual, filosofia e mestrado em Artes. Consiglia é membro do G-pem e desenvolve conosco seu pós-doutorado.

9. As Semanas de Educação Musical

Desde 2009, o GEPEM tem promovido Semanas de Educação Musical, destinadas a reunir educadores musicais e estudantes, para estudo e discussão de questões que importam à área. Iniciada muito pequena, apenas com professores da própria instituição, a I Semana de Educação Musical foi idealizada por Leila Vertamatti, então, professora do Instituto de Artes, como atividade interna de suas classes do curso de Licenciatura em Música. Nessa ocasião, numa atividade conjunta com o curso de teatro e a presença do grupo Cantor!A, foi encenado o musical A história da Dita, de Carla Aducci, com arranjos para coro juvenil de Eduardo Fernandes e Marisa Fonterrada.

<https://www.youtube.com/watch?v=QVgsONArjo>

A II Semana ainda foi concebida nos moldes da primeira, embora fosse um pouco maior. Mais uma vez, foi coordenada pela Professora Leila Vertamatti. Contou com muitas oficinas e mesas redondas, tudo feito com docentes e alunos do IA a alguns convidados de outras instituições, como ocorre em eventos organizados sem qualquer verba...

Em 2011, a organização da III Semana de Educação Musical foi assumida pelo GEPEM – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Musical – coordenado por Marisa Fonterrada e contou com o apoio da FAPESP, FUNDUNESP, FAREARTE, Capes e Prefeitura Municipal de Mairiporã, o que permitiu contar com convidados internacionais e a realização de um evento Pré-Encontro, de exploração da paisagem sonora de Mairiporã, sob a orientação de Murray Schafer. Durante o evento, Eleanor James, cantora canadense, uma das convidadas internacionais, gravou com o PIAP – grupo de Percussão do IA/Unesp, uma obra de Schafer. O Pré-encontro, realizado no final de semana anterior ao evento, foi uma atividade importante, por haver se dedicado a um ato de escuta de ambiente natural. Tratou-se de um passeio sonoro em Mairiporã, SP, na Grande São Paulo, uma cidade importante por ter reservas naturais, com matas preservadas e represas que abastecem São Paulo, parte do estado do Rio de Janeiro e região. Esse evento foi liderado por Schafer e teve a colaboração de professores e alunos do IA. Durante a Semana, o foco foram as práticas criativas.

A IV Semana de Educação Musical, em 2012, foi coordenada pela Professora Margarete Arroyo, com o apoio do GEPEM e reuniu dois eventos: a citada Semana e o

Congresso Regional Sudeste da ABEM, para o que se obteve apoio da FAPESP, FUNDUNESP e Capes.

Nos dois anos seguintes, porém – 2013 e 2014 –, não houve Encontros, pois situações institucionais não permitiram a sua realização. Em 2015, o evento foi retomado, dessa vez sob a coordenação da Professora Dorotea Kerr, com o apoio do GEPEM. Optou-se, no entanto, por se fazer novamente uma versão pequena, sem convidados externos e com a presença predominante de pessoas da cidade de São Paulo.

A VI Semana de Educação Musical, em 2017, voltou a sua dimensão internacional. Novamente organizada pelo GEPEM, nesta versão foi proposto o aperfeiçoamento da gestão democrática de trabalho, já iniciada anteriormente, mas, desta vez, bastante aperfeiçoada, em que as tarefas foram divididas pela equipe, que se encarregou de todos os aspectos necessários ao bom andamento da proposta. A coordenação de Fábio Miguel e Marisa Fonterrada deu-se, principalmente, por questões de ordem prática – professores responsáveis –, pois a equipe criou um modelo de ação que prescindia de coordenação central e, nesse sentido, aproximava-se, cada vez mais, das formas de gestão alternativa, próximas a propostas de educação democrática e do exercício da autonomia, uma das ideias que o G-Pem tem incentivado em suas propostas pedagógicas. Além de convidados brasileiros, a Semana contou com a participação da Profa. Chefa Alonso, de Madrid, que trabalhou com Improvisação Livre. Nesse Encontro, houve apoio do Programa de Pós-graduação em Música do IA/UNESP, da FAPESP, FUNDUNESP e Capes.

E, finalmente, registro aqui a VII Semana de Educação Musical – *Passaredo* –, a última até agora, realizada em 2019, mais uma vez coordenada em conjunto por Fábio Miguel e esta pesquisadora, com apoio da Fapesp, da Vunesp, da Fundunesp e do Programa de Pós-graduação em Música do IA/Unesp. O foco foi a importância da voz na Educação Musical. De caráter internacional, contou com a participação da Profa. Dra. Helena Rodrigues, da Universidade Nova de Lisboa, Portugal e da Profa. Me. Maria Olga Piñero, da Colômbia, ambas fortes referências na conjunção entre voz cantada e educação musical. Os convidados brasileiros foram também representativos dos estudos da voz, ligados a regência coral, canto e fonoaudiologia. Contamos, como convidada especial do evento, com a artista visual Martha de Barros, filha do poeta Manoel de Barros, para a estreia da

obra *Cantigas por um passarinho à toa*, de Marisa Fonterrada, sobre poesias do poeta. No decorrer da semana, a cada dia, um regente convidado ensinou essas canções aos participantes da VII Semana: Rodrigo Assad, Gisele Cruz, Patrícia Costa, Maria Olga Piñeros. No encerramento da VII Semana, a execução da obra esteve a cargo do Coral infantil do Projeto Guri, em São Paulo, do Coral Juvenil de Louveira (SP) e do coral de alunos do Instituto de Artes da Unesp, respectivamente regidos por Rodrigo Assad, Luís Guilherme Anselmi e Prof. Dr. Fábio Miguel.

Algazarra da cigarra

<https://www.youtube.com/watch?v=bB-gUipkLqQ>

Árvores

https://www.youtube.com/watch?v=3IH_tPQMa34

10. O G-pem no FLADEM

Uma referência importante, em especial por se tratar do Encontro Internacional FLADEM on-line, realizado em julho de 2020, já em tempos de pandemia, foi a participação do G-pem, a convite de sua presidente, Profa. Dra. Adriana Rodrigues. Em julho, muitos educadores ainda estavam tentando descobrir maneiras de lidar com a nova condição de aulas on-line e não foi diferente com o G-pem. Quando chegou o convite para fazermos uma *Mostra Pedagógica*, a decisão foi a mais óbvia naquelas condições: montar um vídeo que mostrasse os membros do G-pem em suas atividades de educação. A Mostra é tão heterogênea quanto o tipo de trabalho desses educadores musicais no exercício de suas funções. Eles lecionam em diferentes locais – escolas de educação básica, públicas e privadas, em universidades, com pessoas idosas, ou com deficiência, com crianças e jovens. O resultado foi um vídeo de cerca de dez minutos que dá conta da nossa diversidade e autonomia, unidos por um ideal de dar oportunidade a qualquer pessoa que se disponha a isso a se aproximar da música e do jogo, explorando sua capacidade inventiva.

A outra apresentação que fizemos no Encerramento do mesmo evento tem uma história: como membro do FLADEM desde o ano de sua fundação, tenho me interessado muito em descobrir as muitas faces da América Latina e de suas manifestações culturais.

Então, no Encontro FLADEM de 2019, que ocorreu em Bogotá, na Colômbia, resolvi pedir aos membros presentes, representantes de vários países, que me enviassem canções típicas de sua terra, pois eu tinha a intenção de reuni-las num arranjo coral, que seria cantado pelos participantes durante o Encontro de 2020, previsto para se realizar na Costa Rica, no mês de julho. Com a pandemia, os planos mudaram e o Encontro passou a ser virtual. Conseqüentemente, a ideia de formar um coro com os participantes caiu por terra, mas não a vontade de conhecer as muitas faces dos países membros do FLADEM. Assim, pedi aos associados que me enviassem exemplos de músicas de seu país. Sugeri que me mandassem um som, um ritmo e uma canção, típicos do local em que estavam. Recebi exemplos de catorze países e com eles, com a colaboração do meu ex-aluno e membro do G-pem Rodrigo Assad, fizemos *SomColagem*, que, como se pode ouvir, é uma reunião de sonoridades da América Latina.

As duas apresentações encontram-se no site do FLADEM:

Mostra Pedagógica

<https://www.youtube.com/watch?v=uZx2Y16Rssw>

Somcolagem

<https://www.youtube.com/watch?v=aDjLLbaZ4Lc&t=112s>

11. Publicações

Neste âmbito, vou destacar tanto as minhas publicações pessoais, quanto livros resultantes de pesquisas conduzidas no Grupo, ou em dissertações e teses, ou em pesquisas coletivas.

Traduções:

SCHAFFER, R. M. *Vozes da tirania, templos do silêncio*. Título original: *Voices of Tirany, Temples of Silence*. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

Este livro é o mais recentemente traduzido por mim. Trata-se de uma coletânea de artigos escritos em vários momentos da vida de Schafer e destinados a diferentes públicos, mas todos tratam de questões ligadas à paisagem sonora e às suas transformações, em

épocas e lugares diversos, que mostram, especialmente, as particularidades de ambientes rurais e urbanos.

SCHAFFER, R. M. *OuvirCantar – 75 exercícios para ouvir e criar música*. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora Unesp, 2018. Título original: HearSing.

Trata-se de uma coletânea de exercícios de escuta, que dá ao leitor oportunidade de refinar seus hábitos auditivos. Pode ser utilizada com estudantes de várias idades, ou por pessoas que se interessem pela temática.

SCHAFFER, R. M. *Educação sonora*. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Melhoramentos, 2010. (PNBE). Título original: A Sound Education.

Este livro é semelhante ao anterior; neste caso, porém, são cem exercícios de escuta. O público-alvo é de não músicos, um grupo que sempre interessou Murray Schafer, por considerar a aproximação com a música um direito de todos. Por esse motivo, ele tem o cuidado de omitir o uso de palavras técnicas nas questões de escuta e criação.

SCHAFFER, R. M. *A afinação do mundo, 2001-2011*. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP. Título original: *The Tuning of The World*.

Este foi o primeiro livro publicado a respeito de ecologia acústica e expõe dados de uma pesquisa internacional realizada por Schafer e equipe, quando era docente da Universidade de Simon Fraser, em Barnaby, um distrito de Vancouver, na Colúmbia Britânica, Canadá. É até hoje um livro básico para quem se interessa pela área.

SCHAFFER, R. M. *O ouvido pensante (1991-2008)*. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora da Unesp. Título original: *The Thinking Ear*.

Nesta publicação, Schafer relata suas experiências de educador musical em várias épocas de vida, em que vivenciou situações as mais diversas e trabalhou com pessoas de diferentes faixas etárias e diferente escolaridade. Ele incita o leitor a pensar no som e na música a partir de muitos ângulos. Considero leitura obrigatória para quem quer enveredar pelo caminho da educação musical, da improvisação e do pensamento criativo.

12. Publicações de resultados de pesquisa

No correr dos anos, vários livros foram publicados, resultantes de pesquisas realizadas no G-pem, como produto de Dissertações de Mestrado ou Teses de Doutorado, ou como resultado de investigações realizadas pelo grupo. Ao contrário do item anterior, em que usei como critério a ordem cronológica do presente ao passado, aqui, voltei à forma convencional de apresentar os autores em ordem alfabética do último sobrenome. Podem-se assinalar, então, as seguintes publicações:

CURY, Vera Helena Massouh. *Contraponto: o ensino e o aprendizado no curso superior de música*. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.

A autora é docente da Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo e dedicou-se por muitos anos ao ensino do contraponto. Este livro é o resultado de um trabalho sistemático e aprofundado acerca desse tema. De linguagem simples, mostra os recursos e metodologias que adota em seus cursos e analisa exercícios realizados por seus alunos e discute questões surgidas e soluções encontradas.

FONTERRADA, Marisa T. O. *O lobo no labirinto – uma incursão à obra de Murray Schafer*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

Este livro decorre da tese de Doutorado. A razão de estar ligado a um programa de Ciências Sociais com ênfase em Antropologia foi o anseio em encontrar explicações para a ênfase em mitos e rituais encontrada em obras de Schafer. Trata-se de um estudo da *Série Patria*, um conjunto de peças ligadas ao Gênero Teatro de Confluência. No livro, além da descrição do conjunto de doze obras, há uma análise detalhada de uma delas, o *Prólogo – The Princess of the Stars*.

FONTERRADA, Marisa T. O. *De tramas e fios – um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Este livro resultou da vontade de compreender as razões e as condições que conduziram a educação musical internacional e nacionalmente; ele mostra os grandes educadores musicais dos séculos XX, faz uma análise do ensino de música no Brasil, discute sua importância na atualidade e aponta alguns exemplos de propostas educativas que parecem se adequar às necessidades de seu tempo.

FONTERRADA, Marisa T. O. *Música e meio ambiente – a ecologia sonora*. São Paulo: Vitale, 2004.

O livro faz parte de uma coleção que a editora se propunha a publicar, mas que, afinal, teve apenas três volumes. Destinada a professores e a alunos do ensino médio, discute questões ligadas à ecologia acústica, ao aperfeiçoamento da escuta e oferece várias sugestões de atividades para serem trabalhadas em sala de aula, mesmo para o não especialista.

FONTERRADA, Marisa T. O. *Ciranda de sons – práticas criativas em educação musical*. São Paulo: Editora UNESP, 2015. (Pesquisa realizada coletivamente, com a colaboração de membros do G-pem).

Esta pesquisa envolveu todos os membros do G-pem. Foi um Projeto que recebeu o apoio da FAPESP, a agência de fomento à pesquisa do estado de São Paulo e se propunha a descobrir quantos e quais eram os educadores musicais brasileiros que se dedicavam às práticas criativas. Contou com a colaboração da musicista espanhola Chefa Alonso, com quem fizemos um intercâmbio, que resultou em sua vinda ao Brasil, para ministrar um curso de Improvisação Livre no Programa de Pós-graduação em Música do IA/Unesp e em minha ida a Madrid, para participar, como professora, do Festival Hurta Cordel, evento dedicado à Improvisação Livre.

A busca por professores que adotavam as práticas criativas em seus trabalhos deu-se por consulta a revistas acadêmicas, anais de congressos, banco de teses e dissertações, e por pesquisa direta realizada em um site de educadores musicais – professores de música do Brasil. Ele foi respondido por educadores de todo o país e alguns do exterior. Os resultados dessa pesquisa estão descritos minuciosamente no livro. Esse trabalho deu-se de 2010 a 2012 e foi publicado em 2015.

HENRIQUES, Wasti Silvério Ciszewski. *A educação musical em cursos de pedagogia do estado de São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

Decorrente da dissertação de Mestrado de Wasti Henriques, que investigou a presença da música em cursos de pedagogia, este livro foi publicado pelo Projeto Edição de Textos de Docentes e Pós-graduados da UNESP, um trabalho desenvolvido

conjuntamente pela Pró-Reitoria de Pós-graduação da Unesp (PROPG) e a Fundação Editora da UNESP (FEU).

VERTAMATTI, Leila Rosa Gonçalves. *Ampliando o repertório do coro infanto-juvenil* – um estudo de repertório inserido em uma nova estética. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

O livro acima também decorre de dissertação de Mestrado e discorre minuciosamente a respeito do processo de introduzir um Programa de música contemporânea no repertório do Grupo Cantoria. Ele foi uma das publicações indicadas pela Comissão Editorial do Projeto UNESP/Funarte sobre Arte e Educação.

VERTAMATTI, Leila Rosa Gonçalves. *Entre-sons, entre-mundos, entre-idades* – a educação musical e o adolescente. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

Este livro é decorrente da tese de Doutorado de Leila Vertamatti e mostra seu trabalho de artes integradas – Música e Artes Visuais num colégio da cidade de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo. Foi uma das publicações da Coleção Cultura Acadêmica e é, também, encontrado em formato digital, graças ao Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unesp.

Para terminar...

Antes de concluir, preciso dizer que optei por trazer uma visão panorâmica do trabalho desenvolvido pelo G-pem ao longo dos anos, de modo que é preciso deixar claro que não cobri tudo o que foi feito em termos de pesquisa de alunos de graduação e pós-graduação. Seria impossível trazer tudo isso aqui. Optei por mostrar exemplos que pudessem ilustrar a diversidade de trabalhos desenvolvidos no decorrer do tempo, de pesquisa teórica e prática e caracterizados por muita ação artística, por parte de alunos, ex-alunos e professores. Quero expressar aqui minha enorme gratidão a todos eles, membros e ex-membros do G-pem. Com isto, completo esta exposição, lembrando que o G-pem continua ativo e desenvolve muitos projetos, a respeito dos quais oportunamente poderemos voltar falar.